

“Não há ventos favoráveis para barco que não conhece o rumo”

O caminho faz-se caminhando, dando passos seguros, conhecendo as ruas e avenidas por onde andam perdidas muitas pessoas que sabem que a construção do indivíduo só se torna possível com os contributos de todos, numa perspectiva integradora... bem sei que somos todas pessoas, apesar do aparente e adocicado estigma os querer meter dentro do sistema que não os quer, apesar de ir dizendo querer, sem querer, num jogo de palavras em que as maleitas de uns quaisquer mal vestidos, sem abrigo e sem um qualquer lugar para assentar, serem mais rejeitados que outros... vá lá a gente entender estas coisas. Estou a falar de pessoas a quem alguns teimam dizer que são “drogados”, marginais e outras coisas que tais e que por isso não devem ser considerados normais... até já existe quem tente fazer tese desta situação, ignorando que o consumo das drogas é e continuará a ser um grande problema social. Que é uma doença com graves consequências para quem consome e para as suas famílias. Talvez por estas e por outras, alguns profissionais de saúde recusam “sujar as mãos” e, não o dizendo, fazem-no em surdina aproveitando esta longa e pouco digna indefinição de não os querer receber nos seus “mobilados e límpidos consultórios”, apesar de continuamente falarem como se nada estivesse a acontecer.

Estamos a falar de doentes e de uma doença crónica, de homens e mulheres com direitos e com toda a legitimidade de os exercer e que nenhuma qualquer globalização nem qualquer idiotice política pode ignorar. Para a história bastarão os últimos e quase falhados quatro anos, incompreensivelmente sem rumo, sem visão e estratégias. Dirão os velhos do restelo que mesmo assim sobreviveu... Que os últimos resultados nem serão assim tão maus... É verdade que assim foi, mas porquê? Só por manifesta má-fé, por leviandade ou ignorância intelectual, se pode ignorar os factos e a evidência, com resultados que se referem ao trabalho passado, que pouco ou nada tem a ver com o presente ou o passado recente. Destes sempre ressaltou



uma única e clara evidencia: a integração nas ARS não foi benéfica para ninguém, não funcionou, desarticulou a rede de referência e quase destruiu a articulação dos serviços e a qualidade das respostas, o que equivale a inexistência de quaisquer ganhos em saúde.

Perante as alterações orgânicas engendradas no anterior ciclo político e os resultados percebidos a partir do terreno, resta-nos um diagnóstico face às opções tomadas: miopia política. A tal manifestação de má visão à distância tanto se aplica, no caso, para trás como para a frente... Depois de constatarem que a anterior configuração funcionava e que, mais do que produzir resultados, era elogiada internacionalmente, os reinventores da roda terão sentido uma espécie de inveja e, talvez por isso, optaram por a refazer... O problema é que inventaram uma espécie de roda pentagonal, na esperança de que superasse algo previamente testado e de que trocar algo curvo e circulante por algo com cinco cantos... e que isso resultasse numa diminuição de encargos... louve-se!

Sim, é verdade que mesmo assim e apesar de todas estas contrariedades, os resultados do último relatório não colocaram o país numa “desgraça” esperada... isso deve-se ao esforço e dedicação militante de mais de setecentos profissionais espalhados pelo país que fizeram “das tripas coração” e que, apesar de tantas contrariedades e contrariando a banalidade instalada, lutaram por um serviço “destruído e quase desfeito” em prol dos direitos,

liberdades e garantias dos doentes e suas famílias, restaurando aos poucos a esperança quase perdida de muitas pessoas que, por uma decisão impensada, os votou ao abandono.

É verdade, o serviço esteve doente, ligado á máquina mas não morreu. Sobreviveu á doença porque, apesar de tudo, soube resistir, foi eficaz na luta, foi determinado nos princípios, soube estar á altura dos acontecimentos, porque tinha uma “família” indestrutível, capaz de lutar contra as adversidades que o tempo e as amarras de amizade nunca foram cortados. Estou a falar de um serviço público de excelência, construído e alicerçado por pessoas com um passado marcado pelo empenho e dedicação a uma causa que outros recusaram enfrentar por estigma ou opção.

Aprender com os erros é uma virtude. Reconhecer o fracasso é uma arte. Continuar no vazio e ignorar a evidência significa manter o retrocesso que todos já rejeitaram e, muito justamente, querem reverter a situação. São homens e mulheres que, apesar da sua diversidade, continuam capazes de enfrentar o futuro com mais força e determinação por uma causa que assenta na evidência, que avalia a resistência do consumidor e trata a sua relação com a substância, que o acompanha nas frequentes recaídas que a doença crónica provoca nos próprios e na sociedade, num compromisso com a promoção da saúde e no respeito pelos direitos humanos.

Os profissionais, técnicos e a sociedade civil fizeram o seu percurso e trabalho. Compete agora aos decisores políticos o engenho, arte e consciência para dotar o país das ferramentas necessárias para responder aos novos desafios que os consumidores e as dependências colocam á população portuguesa. Todos sabemos que estará nas mãos de um grupo de trabalho produzir recomendações que servirão, ou não, aos decisores políticos nas suas tomadas de decisão... O que não sabemos é se, daqui a três anos... bem, já sabem...

Sérgio Oliveira,
director